

conexões gentis

SEIS HISTÓRIAS
DE AMOR

EDUARDO NEIVA

PREFÁCIO MUNIZ SODRÉ



LACRE

RIO DE JANEIRO/2023

© Eduardo Neiva

Coordenação editorial e de arte: *Flávia Lamas Portela*
Edição de texto e revisão: *Gustavo Barbosa*
Projeto gráfico e diagramação: *Maria Cristina dos Santos Lima*
Ilustração de capa: *Andréa Neiva*
Assistente editorial: *Raquel Machado*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neiva, Eduardo
Corações gentis : seis histórias de amor /
Eduardo Neiva ; prefácio Muniz Sodré. -- 1. ed. --
Rio de Janeiro : Editora Lacre, 2023.
ISBN 978-65-89884-20-0
1. Amor 2. Contos brasileiros 3. Relacionamentos
I. Sodré, Muniz. II. Título.
23-157922 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro está revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A Editora Lacre não se responsabiliza por opiniões, textos e ilustrações dos autores,
os quais são de inteira responsabilidade e propriedade dos seus respectivos.

Todos os direitos desta edição reservados a Editora Lacre.

<http://www.editoralacre.com.br>



LACRE

**"AMOR, QUE AO CORAÇÃO GENTIL
LOGO SE PRENDE."**
("AMOR, CH'AL COR GENTIL
RATTO S'APPRENDE.")
DANTE ALIGHIERI, DIVINA COMMEDIA
- INFERNO, CANTO V:100.

POSFÁCIO

AS SEIS HISTÓRIAS DE CORAÇÕES GENTIS NARRAM DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DO AMOR.

Não daquele que nasce dos afetos e dos desejos, mas de uma noção de amor, ou melhor, de uma experiência de amor que foi aberta, pela primeira vez, por Dante Alighieri (1265-1321), em sua obra *La Vita Nuova*.

Ao contrário de *La Vita Nuova*, o livro *Corações Gentis* não trata da capacidade amorosa de transformar e de melhorar aquele que ama: encara a loucura e a insanidade de quem vive um amor doentio, capaz de transformar o encanto da beleza em desencanto, a luz em escuridão.

Independente da forma como é apresentado nestes contos, o amor continua sendo uma expressão da universalidade humana. No último verso da *Divina Comédia*, é “o amor que move o sol e as demais estrelas”. E também move, em suas diferentes faces, os personagens de *Corações Gentis*.

O primeiro conto apresenta o esquecimento e a solidão como a espinha dorsal de um relato emoldurado por um amor platônico e por uma obsessão voyeurística. O controle, a observação e a compulsão dão forma a essa história. A confusão mental e temporal do personagem e a análise sobre os efeitos de seus atos descrevem claramente que “a vida não presume lógica”. A lógica da vida pode ser muito cruel e, neste conto, nós, observadores do observador, vemos o vazio infinito que um casamento frustrado e uma separação, também frustrada, causam. Como voyeurs, encontramos descrições carregadas de desejo, que têm um papel fundamental neste conto, tentando quebrar a apatia gélida e glacial do narrador. E o peixe-dourado, tal qual o personagem que narra a história, está preso em seu universo limitado, de solidão, olhando ao seu redor pelas barragens de um vidro circular, convexo,

que modifica a própria perspectiva do mundo real. O amor platônico, a obsessão e a solidão estão nos alicerces desta narrativa.

Se “toda criação segue regras, obedece a princípios e restrições”, como pondera o protagonista-narrador de “Certa vez, um lobisomem”, encontramos neste segundo conto um retrato das frustrações humanas, especificamente nas relações entre casais, representadas por um casamento congelado pelas regras, sob um céu escuro, sem lua e sem estrelas. Sem a iluminação mínima necessária que lhes tire da apatia e sem as estrelas para guiá-los para outros caminhos e condutas. A ironia foi o estilo escolhido para contar essa história que descreve uma frustração emoldurada por um cenário de paisagens oníricas, que fazem um claro contraponto com a realidade nua e crua do relacionamento do casal. De um lado, os devaneios da imaginação sem esperanças; do outro, o cotidiano inexorável. De forma irônica o autor constrói a ilusão: o caminho para fugir à inexorabilidade do que ele considera real. Nada neste conto é óbvio: a realidade se cruza com a fantasia ao longo dos parágrafos, em fluxos narrativos, como num jogo de espelhos. Afinal, o que é real e o que é imaginação? O que é “de verdade” e o que é sonho? Só existe uma certeza: de que o céu sem lua jamais permitirá uma “transformação”, legando aos personagens a árdua tarefa de sobreviver à inevitável realidade, apesar de todas as frustrações.

Em “Corpo de delírio”, Eduardo Neiva modifica de forma magistral as estruturas da narrativa policial colocando o narrador como um observador dos processos de análise utilizados em uma ocorrência policial. E, além disso, devemos registrar sua perspectiva crítica às hierarquias do ambiente acadêmico, onde ele atua. Afinal, é a partir delas que o protagonista emerge no meio de uma suposta cena de crime. A atenta percepção dos processos de raciocínio utilizados pelo personagem central da narrativa na inspeção desta cena é o ponto nevrálgico deste conto: ele observa as formas utilizadas pelos investigadores para interpretação dos detalhes. Devido à sua formação acadêmica, utiliza “estruturas” científicas de raciocínio na observação do que acontece ali. Não se trata de uma inversão das narrativas dos contos policiais,

mas sim de uma outra perspectiva, revelando as dinâmicas que as diferentes consciências utilizam para buscar a solução dos problemas.

Em “Azul de cemitério” a capacidade descritiva do autor chega ao ápice, criando um cenário de melancolias que rasgam a razão, deixando à mostra um esqueleto de lembranças, sofrimentos e pesar. O nascimento é narrado de forma sensorial, dirigindo o leitor, no fluxo da narrativa, à inelutável consciência da morte. Em um primeiro momento, no universo mental da narradora, as percepções não muito claras gradativamente se transformam em memórias que se entrecruzam. Neste conto, a lembrança se torna personagem principal e a percepção se transforma em coadjuvante. Como em um mosaico, lembrança e percepção são peças que se unem, representando a realidade do mundo interior da narradora. Passado e presente se misturam no universo mental em direção à morte e ao esquecimento. Se o apagamento da memória pode trazer a paz, a realidade incide e insiste, forçando as lembranças a emergirem do casulo interno onde se ocultavam. Não há saída, não há salvação. No suposto sossego do esquecimento a realidade força a emergência das lembranças, destruindo qualquer possibilidade de paz.

“Os deuses estão na cozinha” se inicia com uma reunião sendo arruinada por uma tempestade de dimensões imprevisíveis. E nestas circunstâncias, em meio às angústias centrais do protagonista, também as regras não são nem podem ser totalmente previstas. A mistura dos elementos, cozinha e escrita, “alquimicamente” amalgamados na mente do personagem, deveria lhe revelar a “pedra filosofal” de sua existência. Porém, sua vida é nublada pela insegurança e pela solidão. Misturar, na cozinha, tem como objetivo gerar “sensações”; e, na escrita, “significados” e “sentidos”. Enquanto a solidão surge como um forte sentimento que acirra a crise existencial na qual ele está imerso, uma espécie de sensação de “inexistência” justifica sua necessidade de fazer uma mistura de ingredientes que represente a possibilidade de sair da inércia e da esterilidade sensorial. Na ausência de outros prazeres em meio à sua apatia existencial, o personagem tenta encontrar prazer na alquimia dos temperos, sabores e diásporas.

O conto "Cegueira" nos convida a entrar na escuridão das memórias do esquecimento e da indiferença. A personagem principal atravessa o escuro, como um ser invisível, para chegar ao seu objetivo: o negrume de suas lembranças. A sensação de cegueira é causada inicialmente pela ausência da luz nas escadas íngremes que levam a personagem em direção a um destino que as luzes não iluminam, mas que os odores podem guiar. A personagem adentra o escuro dos ambientes até o ápice da luz das memórias. A cegueira pode ser, também, entendida como uma invisibilidade da indiferença à presença do outro. A luz da clareza mental precisa estar presente entre quatro paredes, com o objetivo de iluminar a comunicação, cuja ausência, muitas vezes, torna o outro invisível. Ao acender a "luz" do apartamento, a imagem é da mais profunda solidão. Nada naquele espaço lhe pertence mais. Assim como um cego é incapaz de enxergar com os olhos, os objetos do apartamento são "invisíveis" ao olhar da personagem. Sua cegueira pode até se tornar confortável, evitando a visão do caos de suas lembranças e experiências afetivas.

Fabuladas e descritas nos seis contos aqui narrados, com uma surpreendente profundidade dos sentimentos, as experiências do amor apresentam-se ao leitor em múltiplas dimensões. São seis caminhos que nos direcionam aos recônditos mais profundos, ocultos e complexos do ser humano. Sentimentos que transitam pelas trilhas da solidão, obsessão, resignação, angústia, melancolia, insegurança e esquecimento. Nesta coletânea encontramos seis arcanos cujos véus precisam ser levantados para que se consiga visualizar o portal da senda que conduz às mais diversas e complexas formas de amor, capazes de nos revelar, enfim, os verdadeiros "corações gentis".

CLAUDIO CORREIA

* Claudio Correia é Professor Associado da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

EDUARDO NEIVA (Piauí, 1950) é Emeritus Professor of Communication Studies do College of Arts and Sciences da University of Alabama at Birmingham. Lecionou na FACHA, na Universidade Federal Fluminense e na PUC-Rio, onde foi diretor do Departamento de Comunicação. Escreveu e publicou 14 livros, entre eles *Communication Games*, originalmente em inglês, depois revisito e traduzido para o português e para o chinês. Seus inúmeros artigos foram vertidos para a língua inglesa, para o português, o espanhol, o francês, italiano e japonês. Foi Fulbright Scholar na Indiana University. Lexicógrafo, é autor do *Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia. Corações Gentis: Sete Histórias de Amor* é sua segunda obra de ficção.

Livros publicados: *Táticas do signo* (1983); *A imagem* (1986); *Sapatas de Satã* (1986); *Comunicação: teoria e prática social* (1991); *Um inferno de espelhos – comunicação, cultura e mundo natural* (1992); *O que aprender com antigas catástrofes: comunicação, técnica e sociedade* (1996); *Comunicação na era pós-moderna* (1996); *O racionalismo crítico de Popper* (1999); *Comunicação e modernidade: um estudo discursivo* – com Monica Rector (1999); *Mythologies of vision: image, culture, and visibility* (1999); *Communication games: the semiotic foundations of culture* (2007); *Jogos de Comunicação: em busca dos fundamentos da cultura* – tradução revista de *Communication Games* para o português (2009); *The language of life: how communication drives human evolution* – com James Lull (2012); *Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia* (2013); *Chuanbo boytun nhenhua fulhaoxue yichu* – tradução de *Communication Games* para o mandarim (2016).